

O presente volume de *História Oral* traz um dossiê dedicado ao mundo das artes composto por cinco artigos – selecionados de um conjunto bem maior de textos recebidos –, dois artigos de temática livre, três entrevistas e duas resenhas. Tanto nos artigos do dossiê quanto nas outras seções, há pesquisas ambientadas no contexto da ditadura militar que, justamente por estarem conjugadas à história oral, trazem aspectos do cotidiano de pessoas em diferentes posições naqueles anos.

Daniel Martins Valentini trouxe a um assunto conhecido, o Teatro Oficina, novas contribuições, ao revelar sua dinâmica interna por meio de entrevistas com atores e atrizes que fizeram parte do grupo. As falas recolhidas pelo pesquisador, ativadas pela rememoração, nos permitem conhecer o modo específico como jovens artistas reagiram ao golpe civil-militar brasileiro e combateram o regime.

O artigo de Natália Batista também aborda a relação entre o teatro e o período militar, centrando-se em uma peça de João das Neves, artista cuja trajetória sempre conjugou “engajamento político e refinamento estético”. João das Neves participou do Centro Popular de Cultura (CPC) e do Grupo Opinião, e esteve francamente envolvido com o Teatro CPC-UNE, invadido e saqueado por grupos civis de direita em abril de 1964. O texto da peça *O quintal*, publicado em 1978, procurava compreender os descompassos da esquerda diante do golpe e buscava analisar a invasão do teatro. Para elaborar suas conclusões, Natália mescla a entrevista realizada com João das Neves e a leitura acurada do texto da peça com livros e artigos de outros autores.

Curiosamente, dois artigos do dossiê têm relação com a história em quadrinhos. O artigo de Ivan Lima Gomes analisa as articulações entre arte, mercado e política nos anos 1960, trazendo as memórias de uma cooperativa de quadrinhos, a Cooperativa Editora e de Trabalhos de Porto Alegre (CETPA), que reuniu artistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Acompanhando as histórias de vida de seus entrevistados, o autor descreve as trajetórias nada lineares de “intelectuais do traço”. As entrevistas mostram um grupo de artistas dispostos a resistir coletivamente ao “imperialismo cultural” (a avalanche das HQs americanas) e a promover um nicho de mercado próprio através da produção de quadrinhos com temas da cultura brasileira.

O trabalho de Gabriel Giesta, *Entre “Maus” e “Zeros”*, é uma singularíssima proposta de reflexão “sobre o processo de construção de uma narrativa através da história oral”. *Maus*, de autoria do sueco-americano Art Spiegelman, é uma novela gráfica – publicada em partes nos anos 1980 até 1991 – na qual o autor narra a história de seu pai na Polônia antes e depois do domínio nazista. Já *Eien no zero (Zero eterno)* é um mangá publicado originalmente em 2010, desenhado por Souichi Sumoto, que segue o roteiro de um livro de ficção escrito por Naoki Hyakuta em 2006. A narrativa de *Zero eterno* acompanha o empenho do jovem Kentaro Saeki em resgatar a história de seu avô materno, um piloto falecido em uma missão *kamikaze* na década de 1940. E a história oral? Ela aparece como recurso tanto na obra ficcional (*Zero eterno*) como naquela baseada em fatos reais (*Maus*). A proposta, como se pode ver, situa-se nas fronteiras entre a história e a literatura.

No artigo de Vivian Iwamoto e Magda Sarat, o foco está na dança, mais especificamente aquela praticada em uma comunidade de imigrantes japoneses instalada em Mato Grosso do Sul a partir dos anos 1950. A prática da dança se estabeleceu pela persistência de Yoko Terui, uma mulher imigrante que se tornou professora de dança dos filhos de seus compatriotas, contribuindo acen-tuadamente para a preservação da cultura japonesa local. Com base em entrevistas com essa professora, o artigo discute estilos de danças japonesas – aqueles praticados em Dourados, sede principal da atuação da professora, e outros –, e também comenta a relação entre a dança e a língua japonesa usada nas canções.

Entre os artigos variados, Ana Paola López Dietz analisa o movimento operário no contexto da experiência socialista chilena: os cordões industriais foram uma forma de resolver o problema de abastecimento no período em que o governo de Allende foi alvo de feroz oposição que culminou em greves patronais. Ações como tomar caminhões para buscar matérias-primas para as fábricas e pô-las em funcionamento expressam soluções coordenadas pelos próprios trabalhadores que, assim, apoiavam um governo que reconheciam como legítimo. Os relatos colhidos pela autora narram, além do modo como ocorreram as ações, as divergências políticas entre os grupos de oposição que surgiram durante o confronto de classe.

O artigo *A infância na escola rural de Montes Claros (MG)* descreve, inicialmente, a precariedade do ensino rural nas décadas de 1960 a 1980: as salas de aula, quando não eram emprestadas, possuíam duas ou três janelas, uma pequena cozinha e na maioria não havia instalações sanitárias; faltavam bancos, mesas e material didático. A mudança de 1990, que buscou melhorar

essa situação, também desceu um véu de esquecimento sobre a experiência dos professores mais antigos, vivência que a autora, Cláudia Aparecida Ferreira Machado, busca desvelar. A memória dos professores nos apresenta crianças com vontade de aprender, que gostavam da escola e que caminhavam vários quilômetros para estudar. Os aspectos mais emblemáticos da relação desses docentes com a vida escolar poderão ser lidos no artigo.

As três entrevistas proporcionam ao leitor o contato com personagens absolutamente diferentes entre si. Na entrevista realizada por Tiago Sanches Nogueira, sua opção foi suprimir as perguntas e privilegiar uma narrativa fluente por meio da qual conhecemos algumas passagens da juventude do psicanalista Contardo Galligaris e sua antiga relação com a escrita.

Antonio Torres Montenegro e Antonio Jorge Siqueira eram ambos conhecidos do juiz aposentado José Soares Filho, que exerceu a magistratura nos Tribunais Regionais do Trabalho de Pernambuco e de Alagoas. A entrevista mostra as dificuldades para resolver questões entre usineiros e trabalhadores no período da ditadura militar, descrevendo como os próprios mecanismos da justiça podiam ser instrumentos de opressão manipulados pelos patrões. Relata também as disputas internas à classe jurídica, nas quais pretensões a cargos e concessões ao poder econômico assumiram facetas muito agudas.

A entrevista de Raquel Rato, da Universidade Nova de Lisboa, se enquadra na temática do dossiê ao dar visibilidade à cineasta Teresa Villaverde, que passou a ter expressão no universo cinematográfico de Portugal nos anos 1990. O enfoque da entrevista é sua relação com o diretor de fotografia Acácio de Almeida, que preparou dois dos filmes de Teresa é descrito por ela como um “pintor da luz”. Na entrevista, ficamos conhecendo papéis e parcerias que se estabelecem ao longo de uma filmagem e também os efeitos da transição da película para o digital.

Por fim, duas resenhas fecham a revista: *Trabalhadores exilados: a saga de brasileiros forçados a partir (1964-1985)*, de autoria de Mazé Torquato Chotil, e *História oral e arte: narração e criatividade*, coletânea organizada por Ricardo Santhiago, nos são apresentados, respectivamente, por Eloisa Rosalen e Gabriel Amato Bruno de Lima, em textos que convidam à leitura das obras.

Esperamos que apreciem este número da *História Oral*, que inaugura a editoria de Luciana Heymann e Regina Weber. Boa leitura a todas e todos!

Luciana Heymann
Regina Weber
Editoras de *História Oral*